

Reseña del libro:

A nova economia do trabalho. Murteira, Mario 1ra edição Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007. 147 páginas.

Por José Luís Alves da Silva⁸⁷ y

Sandra Isabel Reis da Silva⁸⁸



Antes de entrar na análise do livro “A Nova Economia do Trabalho”, a que nos propomos, vejamos alguns dados do seu autor. Professor catedrático jubilado do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Mário Murteira foi presidente da Escola de Gestão do mesmo Instituto e investigador do Gabinete de Investigações Sociais. Além disso, teve a seu cargo diversas missões de assistência técnica em África como consultor da Organização das Nações Unidas, do Banco Mundial e da Comunidade Económica Europeia. Murteira foi ministro dos Assuntos Sociais, no I Governo Provisório, e do Planeamento e Coordenação Económica, nos IV e V Governos Provisórios. Actualmente, Mário Murteira é director da revista

Economia Global e Gestão.

Em relação à sua obra aprez-nos dizer que, segundo o próprio autor, a mesma é fruto da sua experiência como docente e investigador apresentando um ensaio cujo tema central – “a nova economia do trabalho” - tem sido o grande suporte da sua carreira universitária, em que o mesmo pretende compreender, com a objectividade possível, o que mudou no mundo, em particular no mundo do trabalho e dos sindicatos, do emprego e do desemprego, da política social, em suma, da temática da economia do trabalho.

Segundo o autor, a economia do trabalho, na ideologia e na sua prática, mudou profundamente nas três décadas que se seguiram aos “anos de ouro”, ou seja, desde o derradeiro quartel do século passado, e isso é fruto de um processo profundo, e de algum modo inesperado, de transformação do próprio capitalismo, em que sobressai o conjunto de tendências habitualmente designadas pelo termo globalização.

As alterações são profundas na nova economia do trabalho, não se podendo definir como boa ou má por se seguir a algo que ficou para trás na

⁸⁷ Mestrando em Economia e pós-graduado em Finanças Empresariais pela Faculdade de Ciências Empresariais da Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão. Licenciado em Contabilidade e Administração – Ramo Auditoria e bacharel em contabilidade e administração pela Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão (ESEIG) do Instituto Politécnico do Porto (IPP). Membro do grupo de Estudos de Economia Solidária do Centro de Estudos Sociais (ECOSOL CES) da Universidade de Coimbra. E-mail: jose-luis-silva@gmail.com

⁸⁸ Mestranda em Economia e pós-graduada em Finanças Empresariais pela Faculdade de Ciências Empresariais da Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão. Licenciada em Contabilidade e Administração – Ramo Auditoria e bacharela em contabilidade e administração pela Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão (ESEIG) do Instituto Politécnico do Porto (IPP). Membro do grupo de Estudos de Economia Solidária do Centro de Estudos Sociais (ECOSOL CES) da Universidade de Coimbra. E-mail: sisasilva@gmail.com

história; é apenas algo que está surgindo à nossa volta e necessitamos de compreender antes de julgar e de nos situarmos a seu favor ou, pelo contrário, na oposição militante.

É desta emergente disciplina, que procura identificar uma complexa e contraditória realidade sócio-económica em gestação, que se ocupa este livro.

O livro "A Nova Economia do Trabalho", apesar de possuir 9 capítulos, encontra-se dividido em cinco grandes temas, o **primeiro** dos quais respeita ao processo de formação de um mercado global, que constitui a envolvente determinante de todo um complexo conjunto de transformações no sistema da economia mundial, tendo em consideração as tendências democráticas hoje dominantes.

O **segundo** tema, mais limitado no tempo e no espaço, refere-se à secundarização do mercado de trabalho a favor de um novo mercado do conhecimento como lugar primordial da acumulação neste capitalismo de mercado global, que se desenvolve e consolida no último quartel do século passado.

O **terceiro** tema refere-se ao emprego e desemprego, e tem a ver com a discussão de conceitos muito referidos, como flexibilidade, adaptabilidade, empregabilidade, aprendizagem, incluindo a aprendizagem para toda a vida, etc. O autor analisa ainda as implicações da transformação da estrutura macroeconómica do emprego, determinando que o operário da indústria ceda a sua posição estratégica, na estrutura do emprego, ao dito trabalhador do conhecimento.

O **quarto** grande tema, desta via, respeita ao presente e futuro do sindicalismo, ou seja, o seu posicionamento ao nível do que o autor chama de "mega-economia", que não se pode, hoje, reduzir simplesmente à economia mundial.

Por último, no **quinto** tema, o autor tece uma reflexão conclusiva centrada no conceito de desenvolvimento humano tendo em consideração os relatórios da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Além desta apresentação genérica da nova economia do trabalho no contexto do presente capitalismo do mercado global, o autor analisa a situação portuguesa neste domínio, procurando situá-la na perspectiva do processo histórico ocorrido em Portugal na segunda metade do século passado.

O autor deixa transparecer que o lado sombrio da globalização respeita à acentuação de desigualdades, à visão do mundo dominado pela acumulação de riqueza material, à redução do desenvolvimento humano a um paradigma meramente mercantil. Acrescenta ainda que o maior risco da integração da economia mundial por via da globalização consiste na desintegração social, na destruição dos elos de solidariedade entre as pessoas aos vários níveis da convivência humana.

Nos últimos dois séculos passamos de um modelo de crescimento baseado na indústria a outro baseado no conhecimento e importa saber que implicações daí resultaram para aquilo que o autor chama de economia do trabalho.

O autor refere que uma dimensão desta mudança diz respeito à desmaterialização do capital, que segundo algumas interpretações, seria hoje imaterial ou intelectual, isto é, conhecimento e já não apenas coisas, como máquinas e outros equipamentos.

Segundo o mesmo, a teoria do valor de Marx não é logicamente sustentável. O valor das mercadorias não pode exprimir-se na unidade de medida que Marx procurou definir, ou seja, o número de horas necessário à produção da mercadoria; e nem tampouco é defendível a determinação do salário pelo mínimo

de subsistência. Além disso, não há um conceito “absoluto de valor”, como Marx procurou, mas apenas relativo, afirma o autor.

Murteira frisa que a China, com um quinto da população mundial (cerca de um bilhão e trezentos milhões), cresce a taxas anuais que permitem duplicar a produção em períodos de oito ou nove anos, ainda caracterizada por abundante mão-de-obra, dir-se-á inesgotável, habituada a elevadas cargas de trabalho e a muito baixos salários, é sem dúvida elemento fundamental da criação e repartição de valor na economia do século XXI.

O mesmo acrescenta que a globalização da economia mundial, ironicamente, vem assim permitir a exploração capitalista do trabalho – numa economia que ainda se reclama de marxista – a uma escala nunca vista.

O autor defende ainda que o mercado global no seu todo origina a situação paradoxal de gerar uma insaciável procura de bens e serviços de algum modo supérfluos, mesmo luxuosos, quando deixa por satisfazer uma imensa e potencial procura de bens e serviços necessários, a que todavia não é possível responder, porque não é suportada por rendimento que permita a aquisição desses bens e serviços de primeira necessidade.

Ao longo desta obra, o autor explana que a tendência dominante não vai no sentido de redistribuição do rendimento à escala mundial, antes se orienta no sentido da acentuação de desigualdades. Verifica-se assim uma passagem de um modelo de crescimento baseado na indústria a outro baseado no conhecimento.

O autor chega mesmo a afirmar que nos encontramos numa nova fase ou etapa do processo secular de desenvolvimento do capitalismo, fase a que ele tem designado por capitalismo do mercado global.

Mário Murteira acrescenta ainda uma reflexão sobre a natureza do conhecimento oferecido e procurado neste sistema económico que real ou supostamente nele se baseia. Uma das suas afirmações vão no sentido de que a economia baseada no conhecimento, ou de maior nível e melhor qualidade de vida de nada servirá se o futuro for incerto, se o emprego for precário ou se estiver em causa a liberdade individual.

Murteira tece ainda alguns comentários sobre o surgimento da social-democracia, e apesar da diversidade de factores que estiveram na sua origem, avança com um denominador comum: a relevância atribuída ao trabalho e aos trabalhadores como factores determinantes da necessária transformação do capitalismo em direcção a outra economia e outra sociedade, consideradas mais justas e solidárias. O trabalho é assim entendido, ao mesmo tempo, como meio e fim do possível desenvolvimento humano a realizar na prática social.

O autor afirma que a perspectiva mais positiva que se abre ao desenvolvimento humano no início deste século parece residir na possibilidade, em determinadas condições a precisar, da construção de si mesmo pelo sujeito do conhecimento, em simultâneo com o desenvolvimento autogerido desse conhecimento.

A globalização, segundo Murteira, acarreta muitas vítimas no mercado de trabalho, em particular, os trabalhadores com idades mais avançadas, de baixo nível de instrução e qualificação. São candidatos a desemprego de longa duração, se não tiverem acesso a meios de formação profissional apropriados à sua situação, meios que não são fáceis de organizar e disponibilizar.

O “espaço de liberdade” que o autor várias vezes refere pode-se consumir apenas nisto: a liberdade de manter-se desempregado ou subempregado, perante um Estado e uma sociedade que já não se consideram responsáveis por essa situação.

O autor conclui que a coesão social, em tempo de globalização, não é de facto causa perdida, obsoleta ou desnecessária, mas requer novos modelos ou paradigmas.

A globalização, segundo o professor, é uma via de integração da economia mundial, mas é ao mesmo tempo factor de diferenciação, mesmo de acentuação de desigualdades. Donde resulta a necessidade, sentida hoje por tantos "cidadãos globais", individuais e colectivos, de lutar por "outra" globalização, uma globalização "justa", atenta à dimensão social.

Murteira traça diferentes cenários futuros para o trabalho e o emprego. São eles: modelo liberal em que observamos a evolução espontânea do sistema mundial, o que implica a continuação e aprofundamento da globalização em curso; modelo da globalização justa, que é uma versão corrigida em alguns aspectos considerados mais negativos do modelo liberal, implicando, por exemplo, a reforma das instituições relevantes para a regulação do mercado global, como o FMI, o Banco Mundial ou a OMC, e por último; o modelo da sociedade do conhecimento em que o trabalho, o emprego e o conhecimento encontram o relacionamento mais positivo para o desenvolvimento humano.

O autor traça ainda uma visão retrospectiva do sindicalismo, desde as suas origens. Fruto da organização das classes trabalhadoras, no seio do capitalismo industrial em formação, espontânea e à margem da lei, lutando por melhores salários e condições de trabalho, Murteira identifica três etapas do processo de conquistas sindicais: uma primeira fase de clandestinidade dos sindicatos, seguida de uma fase de tolerância legal, e finalmente a fase correspondente ao apogeu da social-democracia, designada pelo mesmo como "protecção legal".

Visão Crítica

Depois da explanação acima efectuada do livro "A Nova Economia do Trabalho" de Mário Murteira temos que, sendo a sua primeira edição datada de Abril de 2007, ao levarmos a cabo a leitura das suas 147 páginas deparamo-nos com uma excelente obra, com linguagem bastante acessível e ideias claras. Ao longo dos seus capítulos, a palavra de ordem é economia, neste caso economia do trabalho.

Ao longo de uma leitura atenta, deparamo-nos com as analogias e análises desenvolvidas pelo autor e que se revelam deveras interessantes. O autor identifica, ao longo do seu texto, as principais transformações ocorridas nas últimas décadas no que se refere às relações de trabalho. A análise levada a cabo por Mário Murteira refere-se, na sua essência, às mudanças ocorridas a nível dos países europeus, pioneiros da social-democracia e do sindicalismo.

Mas esta obra vai mais além, mostrando de que forma a globalização afecta a estrutura e o funcionamento das economias de mercado. O autor analisa, particularmente, os efeitos da globalização financeira e da globalização do conhecimento na nova economia do trabalho.

As transformações ocorridas recentemente no processo de acumulação de capital, no mercado do trabalho e na organização sindical também não ficaram esquecidas tendo sido Mário Murteira bastante minucioso nas suas observações, considerações e consequentes conclusões.

Conclui-se assim, que "A Nova Economia do Trabalho", de Mário Murteira encerra em si mesmo um importante contributo para o avanço da ciência social propondo no seu âmago um novo quadro de reflexão sobre as relações entre o desenvolvimento humano e a globalização.

Sem dúvida um livro para ler!